

Wagner Cinelli: Precisamos falar mais sobre as vítimas abandonadas

09/12/2021

*"Diga o teu endereço
É uma cama de jornal
Sob o teto de estrelas
Sobre o solo nacional"*

(trecho da canção "Cruz do Mundo", de Helio Graça-Filho)

Maria das Dores acaba de completar 18 anos. Seu aniversário não teve bolo, nem festa. Fugiu de casa e mora na rua desde os 13 porque era abusada pelo padrasto. Chegou a contar para a mãe, que não acreditava até o dia em que viu com seus próprios olhos.



Quando isso aconteceu, a mãe tentou acudi-la. Aos

vizinhos, impossível não ouvir os gritos. Porém, nada fizeram. O resultado é que as duas acabaram espancadas e, naquela noite, vestidas de hematomas, dormiram abraçadas. Foi o último abraço que mãe e filha se deram.

É que Das Dores acordou na manhã seguinte determinada a dar um basta naquele pesadelo. Com a roupa do corpo, saiu pela porta de casa. Perambulou por aí e acabou chegando a um posto de gasolina repleto de caminhões. Ali conseguiu uma carona que a levasse para longe.

Lá se vão cinco anos sem família, sem escola, sem trabalho, sem renda, sem dignidade. Tempo passado nas ruas, alimentando-se de esmolas e sobras que encontra nas lixeiras. Nunca escolheu parceiro, sempre foi escolhida. Duas gravidezes interrompidas. Ora invisível, ora desprezada.

Das Dores agora é maior de idade e aceitou contar sua história. Afinal, publicações só revelam os nomes das vítimas mediante seu consentimento. Ou então quando estão mortas.

Indagada sobre sua situação, disse não ter arrependimento e que está melhor assim.



Nossa personagem ficcional Maria das Dores tem sua existência inspirada em milhares de meninas que, por serem vítimas dentro de seus lares, fogem e são empurradas para a escola da vida.

Renata Mena Brasil do Couto, assistente social e pesquisadora do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (Ciespi), confirma essa realidade: *"A violência, os abusos e a negligência no contexto familiar são os principais motivos que levam crianças e adolescentes a buscar nas ruas uma alternativa de vida"*.

Das Dores simboliza o sofrimento coletivo dessas tantas jovens em condição de fragilidade familiar e, para que essas iniquidades sejam reduzidas, não podemos nos omitir nunca, pois, como aponta Irene Rizzini, fundadora do Ciespi, *"quanto mais cedo se agir para romper com ciclos de violência e desproteção, melhor"*.

Portanto, precisamos falar mais sobre isso. Conscientizar as pessoas para que fiquem atentas aos mínimos sinais de abuso e, ao percebê-los, tomem providências. Seja com os seus, com os outros, com quem for.

Então, pode ser que, no futuro, histórias como a de Maria das Dores existam apenas na ficção. Mas, se acontecerem, que o crime não acarrete o desamparo daquela que mais precisa de proteção, a jovem vítima.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2021-dez-09/wagner-cinelli-precisamos-falar-vitimas-abandonadas/>